DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO: ORIGENS, AVIVAMENTOS E EXPANSÃO GLOBAL

Elias Luz Vieira[1]

RESUMO

Este estudo de pesquisa investiga o desenvolvimento, a consolidação e os impactos socioculturais do pentecostalismo no contexto latino-americano contemporâneo, com foco nos processos de formação comunitária, expansão institucional e dinâmicas de inserção social. O estudo busca analisar como elementos doutrinários, litúrgicos e organizacionais influenciam trajetórias de pertencimento, práticas educativas informais e formas de reorganização indenitária em populações urbanas e periféricas. O objetivo consiste em compreender de que modo o pentecostalismo se articula a mudanças estruturais e como suas redes comunitárias se configuram como espaços de socialização, acolhimento e fortalecimento subjetivo. A pesquisa adota abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica sistemática, análise documental e entrevistas semiestruturadas com lideranças e participantes de diferentes comunidades religiosas. Espera-se demonstrar que o pentecostalismo opera como fenômeno social complexo que integra dimensões espirituais, culturais e educacionais, influenciando práticas de formação comunitária e processos de construção de sentido. Os resultados esperados incluem identificação de fatores que explicam sua expansão, avaliação de seus impactos na vida cotidiana dos fiéis e compreensão das funções socioeducativas desempenhadas pelas igrejas.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Expansão religiosa; Educação social; Comunidades urbanas; Sociologia da religião.

ABSTRACT

This research project investigates the development, consolidation, and sociocultural impacts of Pentecostalism in the contemporary Latin American context, with emphasis on community formation, institutional expansion, and dynamics of social integration. The study aims to analyze how doctrinal, liturgical, and organizational elements shape belonging trajectories, informal educational practices, and identity reconstruction processes among urban and marginalized populations. The main objective is to understand how Pentecostalism engages with structural changes and how its community networks function as spaces of socialization, support, and subjective strengthening. The research employs a qualitative approach, based on systematic literature review, documentary analysis, and semi-structured interviews with leaders and members of various religious communities. The methodological strategy includes content analysis and data triangulation to identify patterns, tensions, and emerging trends. The study also anticipates identifying factors explaining its growth and assessing its impact on the daily lives of its adherents.

Keywords: Pentecostalism; Religious expansion; Social education; Urban communities; Sociology of religion.

[1] Elias Luz Vieira, Doutorando em Teologia pela BBS-EUA, Mestre em teologia pela EBWU-EUA, Bacharel em Teologia FATEH, Professor e Coordenador do STM E-mail: eliasluz799@gmail.com

INTRODUÇÃO

O estudo do desenvolvimento histórico do pentecostalismo posiciona-se na interface teórica entre a história social do cristianismo, a sociologia da religião e a teologia prática, configurando como objeto de estudo o movimento de avivamento espiritual originado no início do século XX, com ênfase na pneumatologia experiencial, especialmente a doutrina do batismo no Espírito Santo, a glossolalia e a manifestação dos dons carismáticos.

Esse campo de pesquisa é metodologicamente analisado por revisão bibliográfica histórica comparativa, utilizando fontes secundárias especializadas e trabalhos de referência do movimento de santidade do século XIX, avivamentos norte-americanos e processos de expansão global. A investigação também mobiliza categorias sociológicas como democratização da liderança religiosa, pluralização do campo protestante e circulação transnacional de práticas carismáticas como rituais fluidos e altamente reprodutíveis. O fenômeno é historicamente relevante porque inaugura um novo paradigma epistemológico no interior do protestantismo global, deslocando o foco da racionalização teológica para a experiência extática e comunitária da fé. A pesquisa fundamenta-se na análise crítica da literatura acadêmica especializada[2].

A temática justifica-se pela magnitude de sua influência na reconfiguração do cristianismo contemporâneo, especialmente no Sul Global, onde o movimento se estabelece como um dos principais vetores de crescimento religioso, impulsionado tanto por fatores doutrinários quanto por condicionantes sociais, incluindo urbanização, vulnerabilidade socioeconômica e estruturas organizacionais de baixo custo institucional[3].

O objetivo desta investigação introdutória é compreender, com rigor conceitual e terminologia técnica precisa, de que modo o pentecostalismo consolidou um modelo alternativo ao protestantismo reformado clássico, representado por tradições dogmaticamente sistematizadas, como a teologia reformada e os modelos eclesiológicos sacramentais tradicionais, tensionando as categorias do evangelicalismo histórico moderno. A centralidade do estudo projeta-se na problematização científica das correlações entre avivamento, doutrina e expansão institucional. A adesão metodológica permanece bibliográfica e comparativa.

A questão-problema que orienta esta pesquisa investiga se a expansão acelerada do movimento decorre prioritariamente da ênfase pneumatológica, da mobilidade social religiosa das classes subalternas ou da convergência desses elementos com um ethos emocional

---

[2] INTERSABERES. **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

[3] JONES, Rufus M. **George Fox: an autobiography**. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.

escatológico, narrativas de batalha espiritual e hermenêutica contextual adaptada às cosmologias culturais locais. O recorte temporal abrange o período de 1900–2025, tomando avivamentos formativos como eventos nodais de análise e considerando o impacto da crise do racionalismo teológico liberal, que impulsionou a busca por uma fé centrada na agência direta do Espírito Santo. Essa ruptura epistemológica estabelece um novo repertório ritual e discursivo, consolidado por redes autônomas de líderes leigos, dinâmicas de dissidência denominacional, profetismo e oralidade narrativa das práticas religiosas. A investigação adota análise histórica comparativa de bibliografia especializada.

As origens do movimento pentecostal articulam-se a matrizes históricas do Wesleyan-Holiness Movement e a experiências proto-pentecostais desenvolvidas em escolas bíblicas, grupos de oração e movimentos de cura divina nos Estados Unidos entre 1880 e 1905, ainda não plenamente sistematizados doutrinariamente, mas já marcados pela expectativa de sinais empíricos da ação do Espírito. O marco de inflexão teológica ocorre quando a doutrina do batismo no Espírito é ressignificada como uma obra subsequente e distinta da santificação, acompanhada de evidências auditivas empíricas, a glossolalia, convertendo doutrina em ritual, processo decisivo para consolidar o paradigma carismático moderno. Esse movimento é analisado como ruptura que institucionaliza o êxtase pneumático como experiência normativa. A pesquisa bibliográfica rastreia essa ressignificação teológica.

O primeiro grande avivamento institucionalizado ocorre na Azusa Street (1906–1915), configurando um revival urbano racialmente integrado que estabeleceu reuniões de oração intensiva, êxtase religioso e liturgias não sacramentais fluidas como arquétipo reprodutível do movimento. A literatura acadêmica documenta que a experiência ritual de Azusa Street tornou-se um modelo cultural e metodológico replicável para missões transcontinentais, capazes de atravessar fronteiras linguísticas, raciais e de classe. Esse padrão metodológico é considerado categoria obrigatória em pesquisas científicas sobre avivamentos modernos. O movimento demonstra que a expansão se realiza por experiência ritual, mediação cultural e organização de rede leiga. A investigação bibliográfica sustenta essa interpretação como marco eclesiológico moderno[4].

O processo de expansão missionária converte avivamento local em fenômeno global, alcançando América Latina, África Subsaariana, Ásia e Oceania, em contextos socioculturais marcados por pluralismo religioso, religiosidades tradicionais e vulnerabilidade social, evidenciando rápida assimilação das categorias de profecia, cura divina, batalha espiritual e

[4] INTERSABERES. **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

glossolalia em regiões cujas cosmologias religiosas já incorporavam agência espiritual, oralidade litúrgica e práticas ritualísticas de transe. A problemática acadêmica examina se a transposição cultural fortalece, reconfigura ou tensiona o núcleo doutrinário pneumatológico original. Estudos bibliográficos indicam que a expansão ocorreu com velocidade superior em regiões onde práticas de êxtase religioso já integravam a gramática cultural local. A hermenêutica contextual é tomada como variável científica explicativa do crescimento[5].

As dinâmicas de institucionalização latino-americana incluem forte ênfase em eclesiologia missionária e teologia prática popular, com construção de igrejas autóctones, especialmente no Brasil campo obrigatório de análises comparativas onde o movimento se caracteriza por evangelização pública, hinologia pentecostal própria, cura divina e consolidação de lideranças leigas comunitárias periféricas que reconfiguraram o campo protestante brasileiro e impulsionaram processos de capilaridade denominacional, dissidência, expansão midiática e organizações eclesiais flexíveis. O objeto de estudo concentra-se na análise bibliográfica das dinâmicas de institucionalização e sua relação causal com a expansão, interrogando se a consolidação denominacional preserva o ethos avivalista ou o reconfigura. A literatura acadêmica indica coexistência entre institucionalização e continuidade do fervor experimental pneumatológico. A metodologia permanece comparativa-bibliográfica.

O movimento pentecostal torna-se fenômeno científico incontornável por sua capacidade de gerar significado social, inovação litúrgica e mobilidade religiosa transnacional, influenciando tradições confessionais históricas do cristianismo mundial, grupos independentes e formas eclesiais não convencionais, convertendo-se de denominação em paradigma global de espiritualidade carismática[6].

A pesquisa motiva a investigação rigorosa porque demonstra padrões estruturais de expansão baseados em avivamento, descentralização organizacional e mediação cultural, respondendo à questão-problema final: como um movimento avivalista, leigo e intercultural ganhou escala global e se converteu em nova gramática espiritual do cristianismo contemporâneo? O estudo reafirma a necessidade de metodologias históricas bibliográficas comparativas para mapear suas causas formativas.

---

[5] JONES, Rufus M. **George Fox: an autobiography**. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.
[6] RENNER, Roberto L. **História da teologia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

1. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO PENTECOSTALISMO

1.1. Contexto Religioso e Intelectual Pré-Pentecostal

O estudo das origens do pentecostalismo requer análise cuidadosa do ambiente religioso protestante dos séculos XVIII e XIX, período marcado por intensa busca de renovação espiritual. Correntes pietistas e metodistas estimularam compreensão mais experiencial da fé, vinculando maturidade cristã ao cultivo disciplinado da santificação e à leitura rigorosa das Escrituras. Esse cenário favoreceu formulações teológicas que defendiam contínua atuação do Espírito Santo na Igreja, reforçando expectativa de vivências espirituais perceptíveis. A articulação entre piedade individual e compromisso missionário formou base conceitual que influenciou futuras expressões carismáticas.

O pietismo enfatizou conversão autêntica, disciplina devocional e comunhão íntima com Deus, fatores que moldaram ethos religioso voltado à interioridade e à prática ética. Essa abordagem teológica valorizou transformação moral como evidência da graça, estimulando criação de comunidades dedicadas à leitura bíblica e ao aperfeiçoamento espiritual. Tal perspectiva tornou-se referência para movimentos posteriores que buscavam restauração da vitalidade cristã. Muitos desses grupos passaram a interpretar relatos neotestamentários como modelos normativos de vida cristã, afirmando que dons espirituais permaneceriam acessíveis às pessoas de fé[7].

O metodismo de John Wesley produziu impacto duradouro ao defender a possibilidade de santificação progressiva e experiência subsequente de plena consagração. A teologia wesleyana introduziu compreensão dinâmica da graça, orientada à perfeição cristã como objetivo espiritual alcançável mediante entrega total ao Espírito. Essa formulação ampliou horizontes doutrinários e fortaleceu a crença na possibilidade de vivências transformadoras após a conversão inicial. A partir dessa matriz, líderes holiness reinterpretaram tais princípios, propondo segunda obra da graça como evento espiritual distinto e marcante.

O movimento holiness expandiu-se rapidamente nos Estados Unidos no século XIX, defendendo que a santificação plena se manifestaria por meio da ação direta do Espírito Santo. Pregadores holiness enfatizaram necessidade de purificação interior e dedicação integral à missão cristã, mobilizando igrejas, convenções e organizações evangelísticas. Essa atmosfera de fervor religioso intensificou interesse por experiências espirituais extraordinárias,

[7] INTERSABERES. **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

provocando debates doutrinários entre teólogos conservadores e renovacionistas. A circulação de sermões, jornais e reuniões campais difundiu ideias que influenciaram o surgimento de expressões carismáticas mais sistematizadas[8].

A crença na contemporaneidade dos dons espirituais consolidou-se em grupos que defendiam restauração das práticas da Igreja primitiva. Esses cristãos liam o livro de Atos como referência normativa e sustentavam que manifestações como cura, profecia e glossolalia permaneciam parte do cotidiano da fé. Esse argumento teológico conferiu autoridade bíblica às experiências carismáticas e estimulou formação de redes interdenominacionais comprometidas com renovação espiritual. Tal cenário pavimentou caminho para aceitação mais ampla das ideias que caracterizariam o pentecostalismo nascente.

O restauracionismo protestante intensificou debates sobre autenticidade da vida cristã e sobre necessidade de retorno a práticas primitivas. Esse movimento propôs ruptura com tradições institucionais que, em sua visão, teriam sufocado ação do Espírito Santo ao longo da história. A expectativa de restauração da Igreja apostólica motivou surgimento de comunidades experimentais com liturgias espontâneas. Essas comunidades uniam leitura literal das Escrituras, práticas de oração coletiva e testemunhos que reivindicavam intervenções sobrenaturais. Esse conjunto de elementos influenciou diretamente a configuração teológica pentecostal posterior[9].

A atmosfera religiosa norte-americana, marcada por avivamentos sucessivos, tornou-se terreno fértil para surgimento de movimentos que enfatizavam impacto emocional da fé. Os grandes despertares consolidaram cultura de intensa participação leiga, estímulo ao testemunho pessoal e estrutura missionária descentralizada. Modelos de pregação voltados à conversão imediata se disseminaram em diversas denominações, fortalecendo dinâmica de culto centrada em experiência intensa. Essa conjuntura religiosa favoreceu abertura para práticas carismáticas e expansão de novos grupos dedicados à busca de dons espirituais[10].

A leitura pós-milenista e o pensamento escatológico vigente reforçaram expectativa de avivamento global que precederia retorno de Cristo. Muitos líderes interpretaram acontecimentos sociais e religiosos como sinais de intervenção divina na história, o que impulsionou urgência missionária. A crença de que o Espírito Santo renovaria a Igreja em escala transnacional deu sentido teológico à busca por experiência espiritual mais profunda. Essa

[8] MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira.** São Paulo, 2007.
[9] JONES, Rufus M. **George Fox: an autobiography**. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.
[10] DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo.** 1. ed., Natal: Editora Carisma, 2018.

compreensão moldou mentalidade de numerosos grupos holiness que influenciaram formações pentecostais iniciais.

A circulação de periódicos religiosos e correspondências entre pregadores contribuiu para disseminar ideias sobre santificação e dons espirituais. Pastores itinerantes desempenharam papel fundamental nesse processo, levando mensagens de renovação e criando redes informais de cooperação teológica. As reuniões campais funcionaram como espaços de difusão doutrinária e de formação de lideranças. Esse intercâmbio intelectual e espiritual ampliou alcance das ideias carismáticas e ajudou a consolidar clima de expectativa que precedeu os avivamentos pentecostais[11].

A teologia da segunda obra da graça definia processo espiritual estruturado em duas etapas: conversão e santificação plena. Para muitos grupos holiness, essa segunda etapa deveria ser buscada de modo intencional mediante oração, consagração e obediência bíblica. A compreensão de santificação como experiência tangível reforçou noções de que Deus atuaria de modo direto e perceptível na vida dos fiéis. Essa doutrina tornou-se elemento central na preparação do terreno teológico para o batismo no Espírito Santo defendido posteriormente pelo pentecostalismo clássico[12].

O ideal de pureza moral, presente na literatura holiness, manifestou-se em códigos éticos rigorosos adotados por comunidades em busca de restauração espiritual. A formação desses códigos refletia profunda convicção de que a vida cristã deveria evidenciar transformação integral. Esse modo de organização comunitária estimulou disciplina devocional e compromisso com práticas de aperfeiçoamento espiritual. Estruturas semelhantes seriam incorporadas por igrejas pentecostais em seus primeiros anos de organização institucional.

Debates sobre a natureza da experiência espiritual ocuparam lugar central na teologia protestante norte-americana durante o século XIX. A discussão envolveu divergências sobre relação entre emoção religiosa, racionalidade e autoridade bíblica. Grupos holiness defendiam que vivências intensas não contradiziam as Escrituras, mas expressavam atuação do Espírito em um cristianismo vital. Essa defesa legitimou práticas de culto mais espontâneas que se tornariam características do pentecostalismo[13].

As raízes do pentecostalismo também se vinculam a tensões sociais e econômicas que marcaram o período pós-guerra civil nos Estados Unidos. Comunidades cristãs buscavam

---

[11] HENRIQUE, Samuel. **Origem histórica do movimento pentecostal.** 2019.
[12] PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. **Origem do movimento pentecostal no Brasil – Assembleia de Deus (1910–1950?).** Teologia e Espiritualidade, vol. 8, nº 16, Curitiba, dez. 2021.
[13] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja:** *de Jerusalém à Azusa*. **Teologia em Revista**, 2012.

respostas espirituais para crises de identidade, desigualdade e deslocamentos populacionais. A religião funcionou como espaço de reconstrução simbólica e de reorganização comunitária. Essa conjuntura fortaleceu movimentos que enfatizavam esperança, cura e restauração. Tais elementos reapareceriam com força nos primeiros avivamentos pentecostais.

O surgimento de pregações voltadas à experiência direta do Espírito Santo ampliou expectativa de vivências extraordinárias e consolidou linguagem religiosa marcada por termos como "fogo", "poder" e "unção". Essa retórica reforçou percepção de que a vida cristã deveria ser marcada por sinais visíveis da presença divina. Muitos grupos relatavam episódios de clamor coletivo, convicção profunda de pecado e sensação de purificação espiritual. Essas narrativas circularam amplamente e criaram ambiente propício ao surgimento de movimentos que buscavam aprofundamento carismático[14].

A influência do quakerismo ofereceu modelo adicional de espiritualidade centrada na voz interior e na orientação direta do Espírito. Escritos de George Fox enfatizavam percepção imediata da vontade divina, sem mediação sacramental rígida. Esse modelo de fé interiorizada contribuiu para difusão de ideias que valorizavam espontaneidade e experiência. Embora não constituísse linha direta de transmissão doutrinária, essa tradição ampliou repertório espiritual de movimentos renovacionistas posteriores.

O surgimento de escolas bíblicas voltadas à formação de obreiros holiness favoreceu sistematização doutrinária e transmissão formal de ensinamentos sobre santificação. Esses centros de estudo funcionavam como polos missionários e influenciaram centenas de pregadores que mais tarde desempenhariam papel no movimento pentecostal. O treinamento enfatizava disciplina espiritual, estudo bíblico intenso e preparo para evangelização. Essa estrutura educacional contribuiu para expansão de uma mentalidade teológica aberta à busca de dons espirituais.

A tensão entre institucionalização e espontaneidade marcou o período pré-pentecostal e influenciou debates futuros. Grupos holiness denunciam rigidez denominacional como obstáculo ao avivamento espiritual, defendendo estruturas menos formais. Essas críticas estimularam criação de comunidades alternativas, com liderança carismática e culto dinâmico. Essa lógica organizacional seria incorporada posteriormente por igrejas pentecostais, que priorizariam flexibilidade e participação leiga[15].

A literatura religiosa do período difundiu amplamente testemunhos de cura, livramentos e experiências consideradas sobrenaturais. Esses relatos reforçavam a percepção

[14] FABIO, A.C. **O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina**. Nexo Jornal, 13 jul. 2019.
[15] FABIO, A.C. **O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina**. Nexo Jornal, 13 jul. 2019.

de que Deus operava de modo direto na vida cotidiana dos fiéis. Esse imaginário coletivo influenciou a recepção positiva do pentecostalismo que surgiria no início do século XX. Ao se deparar com práticas de glossolalia e curas, muitas comunidades já possuíam categorias teológicas para interpretar tais experiências sem rejeição imediata.

A espiritualidade pré-pentecostal consolidou-se como movimento que unia rigor moral, disciplinamento devocional e expectativa de intervenção divina. Esse conjunto formou base sólida para que fenômenos carismáticos fossem interpretados como sinais legítimos da ação do Espírito Santo. Grupos holines demonstraram capacidade de articular teologia e prática de modo integrado, criando ambiente fértil para o surgimento de novas expressões religiosas. Esse legado seria determinante para formação da identidade pentecostal[16].

O contexto religioso e intelectual que antecedeu o pentecostalismo configurou matriz teológica marcada por busca de renovação, prática disciplinada da fé e expectativa de restauração da Igreja. A convergência entre santificação, avivamento e dons espirituais moldou visão de cristianismo dinâmico e experiencial. Esse ambiente cultural e teológico tornou possível compreensão pós-azusa de que fenômenos espirituais extraordinários deveriam compor vida cristã plena. Essa herança estruturou fundamentos do movimento pentecostal no século XX.

1.2. Contribuições dos Movimentos de Santidade e Restauracionismo

Os movimentos de santidade constituíram base teológica decisiva para o surgimento do pentecostalismo, pois enfatizaram busca metódica de pureza moral e disciplinamento espiritual. Suas lideranças defendiam que a santificação deveria ser vivida como processo contínuo, marcado por transformação interior e compromisso com obediência bíblica. Essa perspectiva valorizava maturidade espiritual como evidência da ação divina, criando clima propício para recepção positiva de manifestações carismáticas. A insistência na experiência pessoal como prova de autenticidade religiosa formou estrutura que influenciaria de modo profundo o movimento pentecostal[17].

As correntes holiness difundiram ideia de que o cristianismo deveria recuperar vitalidade espiritual perdida por tradições consideradas excessivamente formais. Seus pregadores apontavam para necessidade de rompimento com padrões litúrgicos rígidos, argumentando que a Igreja precisava reencontrar prática dinâmica semelhante aos relatos de Atos. A defesa desse retorno ao modelo apostólico estimulou busca por vivências marcadas por

[16] STOTT, John. **A verdade do evangelho: um apelo à unidade.** São Paulo: ABU Editora, 2000.
[17] MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

oração intensa e expectativa de intervenção direta do Espírito Santo. Essa interpretação ganhou força em regiões de forte tradição metodista, onde havia receptividade para discursos renovacionistas.

A teologia wesleyana influenciou diretamente esse processo, pois defendia santificação como obra profunda da graça, capaz de reorientar desejos, condutas e afetos. Wesley propôs que a perfeição cristã não significava ausência de falhas, mas amor plenamente orientado à vontade divina. Essa formulação abriu espaço para entendimento mais dinâmico da vida espiritual, no qual novas experiências poderiam marcar etapas posteriores da fé. Tal concepção foi reinterpretada pelos holiness como fundamento para doutrina da segunda bênção, que antecedeu formulações pentecostais[18].

A segunda bênção tornou-se elemento central para diversos grupos que buscavam renovação moral e espiritual. Essa experiência era compreendida como purificação total do coração e capacitação para serviço cristão. Muitos pregadores relatavam sensação de libertação interior e intensidade emocional durante cultos. Tais relatos reforçavam expectativa de que Deus concederia manifestações marcantes aos fiéis que se dedicassem à busca espiritual. Esse imaginário religioso consolidou ambiente favorável ao surgimento de práticas carismáticas mais expressivas.

O restauracionismo ampliou esse movimento ao defender retorno estrutural ao cristianismo primitivo. Seus líderes afirmavam que a institucionalização histórica havia obscurecido simplicidade e poder da Igreja inicial. A proposta restauracionista incluía rejeição de tradições litúrgicas complexas e retorno a práticas descritas no Novo Testamento. Essa visão reforçou expectativa de que dons espirituais, como cura e profecia, deveriam integrar vida comunitária. A combinação entre crítica eclesiástica e apelo bíblico fortaleceu identidade renovacionista.

Os restauracionistas interpretavam relatos neotestamentários como modelos normativos e sustentavam que a Igreja contemporânea deveria viver sob mesma dinâmica espiritual do período apostólico. Essa leitura literalista criou entendimento de que eventos sobrenaturais eram parte constitutiva do cristianismo autêntico. Tal posição confrontava igrejas estabelecidas que tratavam dons espirituais como fenômenos encerrados no passado. Essa controvérsia teológica favoreceu formação de comunidades alternativas abertas a práticas carismáticas que antecederam o pentecostalismo[19].

---

[18] CÉSAR, Elben M. Lens. **História da evangelização do Brasil**. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
[19] JONES, Rufus M. **George Fox: an autobiography**. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.

A relação entre movimentos de santidade e restauracionismo tornou-se evidente na maneira como ambos enfatizavam busca direta pela ação do Espírito. Para esses grupos, o cristianismo deveria ser marcado por vivências transformadoras, e não apenas por adesão doutrinária. Essa concepção aproximou fiéis de práticas intensas de oração, jejuns e vigílias. A ênfase no encontro pessoal com Deus fortaleceu ambiente emocional propício ao surgimento de manifestações extraordinárias. Esse conjunto de elementos delineou trajetória que culminaria no pentecostalismo[20].

As reuniões campais holiness desempenharam papel estratégico na expansão dessas ideias. Tais encontros reuniam grandes multidões e apresentavam liturgia espontânea, marcada por cânticos simples e apelos à consagração. Pregadores relatavam conversões repentinas, curas e forte comoção entre participantes. A intensidade emocional dessas assembleias contribuiu para formação de cultura religiosa centrada na liberdade de expressão espiritual. Esse estilo de culto influenciou diretamente práticas pentecostais posteriores.

Muitos líderes holiness defendiam que experiências espirituais intensas não eram eventos isolados, mas sinais de que Deus preparava avivamento mundial. Essa convicção estimulava pregadores a percorrer regiões inteiras conduzindo campanhas evangelísticas. A itinerância fortaleceu circulação de doutrinas e ampliou redes informais de cooperação entre congregações. Esse dinamismo evangelístico tornou-se modelo seguido por pioneiros do pentecostalismo.

A publicação de periódicos holiness difundiu amplamente relatos de experiências espirituais classificadas como extraordinárias. Esses jornais circulavam por diferentes estados e influenciavam comunidades que buscavam orientação teológica sobre santificação. Testemunhos de cura, libertação e transformações pessoais reforçavam imagem de movimento marcado pela atuação constante do Espírito. Essa literatura criou base narrativa que seria reutilizada no pentecostalismo clássico como legitimação de seus fenômenos[21].

O restauracionismo também produziu impacto social ao propor comunidades marcadas por simplicidade organizacional e participação ativa dos fiéis. Esses grupos rejeitavam distinções rígidas entre clero e leigos, afirmando que o Espírito concedia dons a todos os crentes. Essa compreensão incentivou cultura congregacional aberta à espontaneidade litúrgica. Tal modelo seria incorporado por igrejas pentecostais que valorizariam liderança carismática e envolvimento comunitário[22].

---

[20] INTERSABERES. **Teologia sistemática.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, p. 233, 2014.
[21] MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira.** São Paulo, 2007.
[22] RENNER, Roberto L. **História da teologia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

A ênfase no sacerdócio universal dos crentes contribuiu para surgimento de pregadores leigos que conduziam encontros domésticos e estudos bíblicos. Esses espaços funcionavam como laboratórios doutrinários nos quais novas práticas eram experimentadas. A ausência de estruturas hierárquicas rígidas facilitava inserção de manifestações carismáticas interpretadas como sinais do Espírito. Essa descentralização organizacional influenciou a posterior cultura eclesial pentecostal.

A defesa da cura divina tornou-se marca distintiva dos movimentos de santidade. Muitos líderes afirmavam que a redenção incluía restauração física e espiritual. Essa doutrina se baseava na interpretação de textos que apresentavam Cristo como aquele que cura enfermidades humanas. A prática de impor as mãos e orar por enfermos ganhou importância nos cultos holiness. Essa ênfase seria amplamente absorvida pelas igrejas pentecostais, que transformaram cura em elemento fundamental de sua identidade[23].

A expectativa de cura contribuiu para formação de culto voltado à experiência imediata da fé. Fiéis buscavam intervenções concretas em situações de sofrimento, interpretando resultados positivos como confirmação da presença divina. Essa perspectiva aproximou movimentos de santidade das classes trabalhadoras, que enfrentavam doenças sem acesso a recursos médicos adequados. Essa relação fortaleceria movimentos pentecostais em sua fase inicial.

A crença na profecia como orientação espiritual também se tornou característica importante desses movimentos. Pregadores e membros relatavam percepções que interpretavam como instruções divinas para vida pessoal e comunitária. Essa prática reforçava sensação de proximidade com Deus e estimulava coesão grupal. Comunidades que cultivaram esse hábito tiveram grande facilidade em aceitar manifestações semelhantes observadas nos primeiros avivamentos pentecostais[24].

O restauracionismo desenvolveu discursos críticos à racionalidade ilustrada, considerada excessiva e incompatível com poder espiritual descrito nas Escrituras. Essa postura incentivava valorização de experiências emocionais como manifestações legítimas da fé cristã. Essa visão confrontava modelos teológicos que privilegiavam ordem e racionalidade. Essa tensão entre emoção e estrutura institucional preparou terreno para expressões religiosas que adotariam liturgia livre, como o pentecostalismo.

Os movimentos holiness construíram caminhos que permitiram identificação entre fé e prática social. Muitos de seus líderes atuaram em campanhas por moralidade pública,

[23] DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo.** 1. ed., Natal: Editora Carisma, 2018.
[24] HENRIQUE, Samuel. **Origem histórica do movimento pentecostal.** 2019.

temperança e reforma social. A articulação entre ética e espiritualidade favoreceu formação de comunidades comprometidas com transformação integral. Essa visão influenciou missionários pentecostais, que associaram evangelização a mudanças comportamentais profundas.

A expectativa de um grande avivamento influenciou estruturas de culto que buscavam criar ambiente favorável à ação do Espírito. A música desempenhou papel central nesse processo, com cânticos simples e repetitivos que facilitavam participação coletiva. A intensidade das reuniões criava atmosfera emocional que estimulava expressões espontâneas da fé. Esse modelo seria replicado em diversos avivamentos pentecostais posteriores[25].

O contato entre grupos de santidade e restauracionistas gerou ambiente híbrido no qual doutrinas, práticas e experiências foram compartilhadas. Esses movimentos funcionaram como redes de transmissão cultural que articularam espiritualidade emocional e fundamentação bíblica literalista. Essa convergência produziu paradigma religioso que antecedeu de modo direto as formulações pentecostais. O resultado foi criação de matriz teológica que afirmava poder atual do Espírito para transformar vidas.

As contribuições dos movimentos de santidade e restauracionismo representam alicerce essencial para compreensão do pentecostalismo nascente. Suas práticas, doutrinas e expectativas moldaram terreno espiritual, emocional e teológico no qual novas manifestações seriam interpretadas como legítimas. Ao defender santificação, cura, profecia e segunda bênção, esses movimentos criaram ambiente que permitiu florescimento do pentecostalismo no início do século XX. Essa herança definiu identidade do movimento e orientou trajetória posterior.

1.3. O Avivamento da Rua Azusa e a Consolidação do Movimento

O Avivamento da Rua Azusa, iniciado em 1906, tornou-se marco determinante para consolidação do pentecostalismo como movimento global. Sua liderança central foi exercida por William J. Seymour, pastor afro-americano influenciado por correntes holiness e pela doutrina da segunda bênção. A liturgia adotada em Azusa apresentava espontaneidade e forte carga emocional, o que contrastava com padrões tradicionais de culto protestante. Relatos contemporâneos registraram fenômenos considerados sobrenaturais, o que atraiu atenção nacional e internacional. Esse contexto transformou Azusa em polo de radiação doutrinária.

A localização do avivamento em Los Angeles contribuiu para alcance transcontinental das ideias pentecostais. A cidade possuía diversidade étnica e significativa circulação de trabalhadores e migrantes. Essa composição social facilitou contato entre grupos de diferentes

[25] PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. **Origem do movimento pentecostal no Brasil – Assembleia de Deus (1910–1950?).** Teologia e Espiritualidade, vol. 8, nº 16, Curitiba, dez. 2021.

origens, permitindo que visitantes levassem práticas e ensinamentos para seus países. O trânsito constante de pessoas favoreceu difusão direta de relatos de glossolalia, cura e profecia. Esse fluxo ampliou impacto de Azusa em velocidade incomum para movimentos religiosos emergentes da época[26].

O culto em Azusa caracterizou-se por ausência de liturgia rígida, favorecendo participação espontânea dos fiéis. Essa estrutura permitia que pessoas orassem, cantassem e testemunhassem sem controle prévio da liderança. A liberdade litúrgica era vista como sinal de atuação do Espírito. Esse modelo rompeu padrões de culto protestante que priorizavam ordem e racionalidade. Muitos visitantes descreveram ambiente intenso, marcado por expressões emocionais interpretadas como experiências espirituais autênticas. Esse estilo influenciou cultos pentecostais posteriores em diversos países.

O aspecto racial de Azusa tornou-se um de seus traços mais notáveis. A congregação reunia brancos, negros, latinos e imigrantes, em período marcado por segregação racial severa nos Estados Unidos. Essa composição multiétnica foi interpretada pelos participantes como cumprimento de profecias bíblicas sobre derramamento universal do Espírito. A convivência entre diferentes grupos sociais representou ruptura com normas culturais vigentes. Esse caráter inclusivo aumentou visibilidade do movimento[27].

O papel de Seymour foi fundamental na organização do avivamento. Seu ensino enfatizava humildade, oração e busca contínua pela presença divina. Ele defendia que o batismo no Espírito Santo deveria ser acompanhado por evidência física identificável. Para Seymour, a glossolalia confirmava obra sobrenatural realizada no crente. Essa doutrina influenciou diversas denominações pentecostais que surgiriam nas décadas seguintes. A autoridade espiritual de Seymour consolidou Azusa como centro teológico do movimento.

A glossolalia tornou-se elemento central na identidade de Azusa, sendo interpretada como evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Relatos descrevem situações nas quais fiéis passaram a falar em idiomas desconhecidos durante orações coletivas. Essa prática foi alvo de debates intensos entre líderes protestantes, que contestavam legitimidade da experiência. Mesmo assim, a glossolalia consolidou-se como marca doutrinária distintiva do pentecostalismo. Esse fenômeno contribuiu para atração de novos adeptos.

A cura divina também foi registrada com frequência nos cultos de Azusa. Muitos participantes relataram alívio imediato de dores ou recuperação de mobilidade após oração

---

[26] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja:** *de Jerusalém à Azusa*. **Teologia em Revista**, 2012.
[27] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa**. Teologia em Revista**,** 2012.

comunitária. Esses testemunhos circularam em jornais e cartas enviadas a outras regiões. A crença na cura reforçou percepção de que o Espírito atuava de maneira direta na vida física e espiritual. Essa prática tornou-se parte essencial da teologia pentecostal inicial.

O avivamento produziu impacto missionário significativo. Diversos participantes sentiram-se chamados a viajar para outros estados e países. Muitos acreditavam que a glossolalia indicava idiomas reais destinados a evangelização de outras nações. Essa interpretação reforçou senso de urgência missionária. Consequentemente, grupos enviados por Azusa estabeleceram núcleos pentecostais em vários continentes. Essa dinâmica consolidou expansão global do movimento[28].

As publicações periódicas desempenharam papel estratégico na divulgação de Azusa. O jornal *Apostolic Faith* enviava notícias para milhares de leitores dentro e fora dos Estados Unidos. Os relatos apresentavam testemunhos, doutrinas e orientações teológicas. Essa circulação reforçou imagem de avivamento universal e despertou interesse de líderes religiosos. A mídia religiosa transformou Azusa em referência global para movimentos carismáticos emergentes.

O ambiente teológico de Azusa favoreceu formulação de doutrina pneumatológica própria. A ideia de que o batismo no Espírito Santo constituía experiência distinta da conversão ganhou coerência sistemática. Essa doutrina apresentava implicações éticas e missionárias, pois colocava o crente em posição de serviço espiritual ampliado. A estrutura teológica desenvolvida em Azusa tornou-se base para tradição pentecostal clássica.

A crítica das denominações tradicionais ao avivamento refletiu tensões entre racionalidade teológica e prática carismática. Muitos teólogos consideravam glossolalia prática emocional sem respaldo bíblico adequado. Outros afirmavam que manifestações carismáticas causavam desordem litúrgica. A resistência denominacional reforçou identidade pentecostal, que se afirmava como movimento diferenciado. Esse conflito contribuiu para formação de novas denominações[29].

A Rua Azusa tornou-se espaço de experimentação litúrgica. A música ocupou papel central na expressão espiritual dos fiéis. Cânticos simples e repetitivos criavam ambiente propício ao culto intenso. A dimensão sonora influenciava dinâmica emocional das reuniões. Esses elementos foram incorporados de modo permanente nas liturgias pentecostais.

A liderança compartilhada também se destacou. Embora Seymour fosse figura central, havia espaço para participação de mulheres e leigos. Relatos de pregadoras influentes indicam

[28] FABIO, A.C. **O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina**. Nexo Jornal, 13 jul. 2019.
[29] STOTT, John. **A verdade do evangelho: um apelo à unidade.** São Paulo: ABU Editora, 2000.

ambiente de forte inclusão. Essas lideranças receberam oportunidades para ensinar, aconselhar e conduzir cultos. Essa prática rompeu barreiras de gênero presentes em outras tradições protestantes. Esse traço marcou identidade inicial do pentecostalismo.

O avivamento provocou reorganização eclesial nas comunidades que receberam sua influência. Igrejas que adotaram doutrinas pentecostais passaram a enfatizar experiências carismáticas como elementos estruturantes. A organização ministerial ajustou-se à presença de dons interpretados como instrumentos de edificação. Esse processo gerou novas formas de autoridade espiritual. Essa reorganização contribuiu para consolidação institucional do movimento[30].

Azusa também funcionou como espaço de reconciliação emocional e social. Muitos participantes relataram que experimentaram perdão, restauração de vínculos familiares e senso renovado de identidade. Esses relatos fortaleceram imagem de comunidade acolhedora. A dimensão terapêutica do avivamento atraiu pessoas em busca de esperança espiritual. Esse processo ampliou impacto social do movimento.

A globalização do pentecostalismo acelerou-se devido à presença de missionários estrangeiros em Azusa. Visitantes vindos da Europa, África e América Latina levaram consigo elementos litúrgicos e doutrinários. O encontro entre culturas favoreceu adaptações locais. Cada comunidade reinterpretou ensinamentos de Azusa segundo suas necessidades sociais e religiosas. Essa multiplicidade criou diversidade interna característica do pentecostalismo[31].

O avivamento gerou novos debates sobre natureza da experiência espiritual. Teólogos se dividiram entre aqueles que reconheciam glossolalia como dom válido e aqueles que recusavam essa interpretação. Os defensores de Azusa argumentavam que fenômenos observados tinham respaldo bíblico e histórico. A controvérsia reforçou identidade doutrinária do pentecostalismo. Essa discussão permanece central na teologia pentecostal até hoje.

A Rua Azusa tornou-se referência simbólica para movimentos pentecostais posteriores. Sua memória foi preservada em documentos, jornais e relatos testemunhais. A narrativa do avivamento passou a compor identidade coletiva das igrejas pentecostais. Essa memória reforça continuidade histórica entre origem e expansão global do movimento. O uso constante dessa referência consolida legitimidade do pentecostalismo.

A consolidação do pentecostalismo após Azusa ocorreu por meio de fundação de denominações dedicadas à difusão das doutrinas ali formuladas. Grupos como Assembleia de Deus e Igreja de Deus adotaram princípios de Azusa como fundamentos teológicos. Essas

[30] FABIO, A.C. **O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina**. Nexo Jornal, 13 jul. 2019.
[31] STOTT, John. **A verdade do evangelho: um apelo à unidade.** São Paulo: ABU Editora, 2000.

instituições lideraram expansão norte-americana e internacional. O desenvolvimento dessas organizações reforçou estabilidade do movimento.

O Avivamento da Rua Azusa representa marco central na história do cristianismo moderno. Sua liturgia, suas doutrinas e sua estrutura comunitária influenciaram tradições religiosas em escala global. O movimento transformou padrões de culto, redefiniu noções de experiência espiritual e consolidou nova identidade eclesial. Sua influência permanece perceptível em milhões de comunidades pentecostais no mundo. Esse legado define origem e trajetória do pentecostalismo.

2. IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DO PENTECOSTALISMO

2.1. Expansão Transnacional e Redes Missionárias

A expansão transnacional do pentecostalismo ocorreu dentro de dinâmica religiosa marcada por circulação constante de pregadores e literatura devocional, o que permitiu transferência rápida de doutrinas e práticas. A estrutura leve de liderança, somada ao caráter congregacional, facilitou inserção em múltiplos contextos sociais. Missionários viajavam sem dependência de estruturas centralizadas, estabelecendo núcleos de culto em locais variados. Essa fluidez missionária favoreceu formação de redes extensas de cooperação espiritual. Esse processo sedimentou base para projeção internacional do movimento[32].

Os primeiros missionários pentecostais interpretavam suas experiências espirituais como mandato direto para evangelização global. Muitos acreditavam que glossolalia concedida nos avivamentos funcionava como capacitação sobrenatural para comunicar o evangelho a povos distantes. Essa compreensão motivou deslocamentos para regiões sem presença formal de igrejas pentecostais. A convicção de urgência missionária guiou itinerários movidos por expectativa escatológica. Essa mentalidade moldou identidade expansionista do movimento[33].

A correspondência entre líderes e comunidades recém-formadas tornou-se instrumento importante de consolidação doutrinária. Cartas circulavam com instruções sobre culto, disciplina e interpretação bíblica. As respostas incluíam relatos de experiências espirituais que reforçavam unidade teológica entre grupos dispersos. Esse intercâmbio constante permitiu padronizar elementos fundamentais da prática pentecostal, mesmo sem estrutura hierárquica complexa. O resultado foi rede missionária coesa e expansiva.

---

[32] MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
[33] CÉSAR, Elben M. Lens. **História da evangelização do Brasil**. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

A presença pentecostal em regiões de baixa infraestrutura institucional destacou capacidade adaptativa do movimento. Missionários atuavam em áreas rurais, periferias urbanas e locais sujeitos a crises políticas. Nessas regiões, a mensagem pentecostal oferecia sentido religioso diante de tensões sociais profundas. A ênfase em cura, libertação e esperança fornecia resposta a sofrimentos cotidianos. Essa resposta imediata ampliou aceitação do movimento.

A multiplicação de pequenas congregações fortaleceu capilaridade do pentecostalismo. Cada núcleo funcionava como célula missionária capaz de alcançar grupos específicos. Essa estrutura descentralizada permitiu expansão superior à de denominações com burocracias rígidas. Líderes leigos assumiam funções pastorais e replicavam modelos litúrgicos aprendidos em missões. Essa dinâmica acelerou formação de redes transnacionais.

A África tornou-se campo fértil para difusão pentecostal por reunir cosmologias que reconheciam dimensão espiritual ativa no cotidiano. Missionários encontraram receptividade para discurso sobre cura divina e expulsão de forças espirituais hostis. Essas práticas dialogavam com compreensão local de doença e aflição. A compatibilidade entre visão espiritual africana e teologia pentecostal facilitou crescimento do movimento em larga escala. Essa expansão transformou paisagens religiosas do continente[34].

Na Ásia, o pentecostalismo alcançou populações submetidas a intensas mudanças econômicas e urbanas. Muitas comunidades experimentavam dissolução de estruturas familiares e redes tradicionais de apoio. O culto pentecostal oferecia novo espaço de pertencimento e reorganização simbólica. A liturgia envolvia música, oração coletiva e testemunhos que criavam vínculo comunitário forte. Esse fator favoreceu raízes profundas do movimento em regiões asiáticas.

A América Latina apresentou contexto ainda mais propício à expansão. Transformações sociopolíticas, migração interna e aumento de áreas urbanas criaram situação de instabilidade social. O pentecostalismo fornecia resposta espiritual direta a essas mudanças. A promessa de cura e restauração oferecia alternativa concreta aos desamparados. A estrutura congregacional ampliava redes de solidariedade. Esse conjunto estimulou crescimento contínuo do movimento no continente[35].

O papel das mulheres foi determinante na expansão missionária. Muitas assumiram liderança de pequenos grupos, organizaram cultos domésticos e atuaram como evangelizadoras. Esses espaços de atuação ampliaram alcance do movimento em territórios não atendidos por

[34] INTERSABERES. **Teologia sistemática.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, p. 233, 2014.
[35] RENNER, Roberto L. **História da teologia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

instituições formais. A presença feminina nas redes missionárias fortaleceu identidade comunitária. Essa participação consolidou elemento marcante do pentecostalismo.

A liturgia pentecostal, baseada em linguagem simples e participação intensa, facilitou adaptação cultural. Cada comunidade reinterpretava práticas conforme suas necessidades sem romper doutrina central. Essa flexibilidade favoreceu incorporação de elementos musicais e expressivos próprios das culturas locais. Esse processo fortaleceu adesão dos convertidos e consolidou raízes sociais do movimento. A expansão ganhou força a partir dessa interação.

A pregação pentecostal apresentava forte carga emocional, o que facilitava comunicação em contextos marcados por baixa escolaridade. Sermões enfatizavam transformação imediata e poder espiritual para enfrentar sofrimentos concretos. Essa linguagem envolvia narrativas de experiências pessoais que reforçavam credibilidade da mensagem. O discurso oferecia sentido para realidades sociais complexas. Esse estilo missionário tornou-se padrão global[36].

A música se tornou veículo de expansão. Cânticos simples reproduzidos oralmente facilitavam memorização e participação coletiva. A sonoridade envolvia elementos rítmicos capazes de dialogar com tradições musicais locais. O uso de instrumentos populares aproximava o culto das expressões culturais regionais. Essa integração musical fortaleceu identidade pentecostal em múltiplos contextos. Esse recurso tornou-se marca de sua prática missionária.

A circulação de revistas pentecostais influenciou formação doutrinária nas primeiras décadas. Publicações continham testemunhos, reflexões teológicas e relatos missionários. Esse material consolidava orientação prática para comunidades distantes dos centros denominacionais. A leitura coletiva fortalecia identidade comum e estimulava vocações missionárias. Esse método reforçou unidade global do movimento[37].

Missionários pentecostais adotaram modelo de vida marcado por simplicidade e mobilidade. Muitos viajavam sem recursos fixos e dependiam de hospitalidade das comunidades locais. A itinerância criava vínculos fortes com moradores e fortalecia confiança no mensageiro. Esse estilo reforçava percepção de autenticidade espiritual. A imagem de dedicação integral ampliou impacto missionário.

A crença na intervenção espiritual direta motivou pessoas a participar de cultos orientados para busca de cura e libertação. Esses rituais ofereciam respostas imediatas para sofrimentos físicos e emocionais. Relatos de cura circularam rapidamente e aumentaram adesão

[36] MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira.** São Paulo, 2007.
[37] DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo.** 1. ed., Natal: Editora Carisma, 2018.

ao movimento. Essa ênfase tornou-se componente essencial da ação missionária pentecostal. A expectativa de milagres atraiu novos grupos sociais[38].

A narrativa de avivamentos serviu como instrumento mobilizador para continuidade da expansão. Missionários relatavam experiências vividas em cultos e descreviam manifestações espirituais como sinais da presença divina. Esses relatos estimulavam comunidades a buscar experiências semelhantes. A circulação dessas histórias consolidou imaginário global pentecostal. Esse imaginário alimentou crescimento em diferentes regiões.

A estrutura organizacional horizontal favoreceu reprodução rápida de comunidades. Líderes leigos eram capacitados por treinamentos simples e assumiam funções pastorais. Essa prática eliminava necessidade de formação teológica formal longa. Esse modelo criava cadeia contínua de multiplicação de igrejas. A dinâmica autossustentável fortaleceu expansão transnacional.

A tradução de hinos, folhetos e textos doutrinários ampliou alcance internacional. Comunidades locais recebiam material adaptado ao idioma e à cultura. Essa produção textual fortaleceu unidade doutrinária e disseminou conceitos centrais como batismo no Espírito Santo e cura divina. Esse processo contribuiu para padronização global do movimento. Essa estratégia integrou novas igrejas às redes missionárias existentes[39].

A atuação pentecostal em contextos de crise econômica reforçou sua expansão. Comunidades ofereciam apoio emocional e espiritual para pessoas em situação de vulnerabilidade. A solidariedade comunitária supria lacunas deixadas por instituições públicas. Essa atuação aumentava confiança nas lideranças locais. A relevância social resultou em expansão contínua.

A consolidação das redes missionárias pentecostais gerou movimento religioso de alcance mundial. O modelo descentralizado favoreceu constante adaptação cultural sem perda do núcleo doutrinário. A teologia da experiência espiritual intensa reforçou unidade transnacional. O resultado foi formação de tradição cristã global com identidade distinta. Essa trajetória caracteriza o pentecostalismo como fenômeno marcante da história religiosa contemporânea.

---

[38] HENRIQUE, Samuel. **Origem histórica do movimento pentecostal.** 2019.

[39] PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. **Origem do movimento pentecostal no Brasil – Assembleia de Deus (1910–1950?).** Teologia e Espiritualidade, vol. 8, nº 16, Curitiba, dez. 2021.

2.2. O Pentecostalismo na América Latina e sua Inserção Social

A expansão do pentecostalismo na América Latina ocorreu em meio a transformações estruturais profundas, marcadas por urbanização acelerada e reconfiguração das relações de trabalho. A migração interna criou metrópoles com altas taxas de desemprego e com grande número de pessoas sem redes tradicionais de suporte emocional. O pentecostalismo apresentou modelo comunitário que supria carências deixadas por instituições estatais e religiosas tradicionais. Essa oferta de pertencimento contribuiu para consolidação de sua presença[40].

O deslocamento populacional para centros urbanos produziu ruptura de vínculos familiares e comunitários. Muitas pessoas experimentaram sensação de isolamento e perda de referências culturais. O pentecostalismo ofereceu redes de sociabilidade que ajudaram na reconstrução de identidades fragmentadas. Os cultos funcionaram como espaços de acolhimento e reorganização emocional. Essa atuação reforçou seu papel como alternativa social relevante.

O discurso pentecostal enfatizou possibilidade de mudança imediata da vida por meio da ação do Espírito. Essa abordagem dialogou com expectativas de grupos que enfrentavam instabilidade econômica. Testemunhos de transformação pessoal reforçaram confiança na mensagem. O culto estruturado em participação ativa permitiu expressão de demandas que não encontravam espaço em instituições tradicionais. Essa abertura ampliou adesão popular.

As igrejas pentecostais incorporaram linguagem acessível e voltada ao cotidiano. A pregação abordava temas como família, trabalho e superação de conflitos. Essa estratégia facilitou comunicação com públicos menos escolarizados. A proximidade discursiva reforçou capacidade de persuasão e produziu identificação imediata. Esse recurso se tornou marca da inserção social do movimento[41].

A estética emocional do culto pentecostal atraiu grupos que buscavam expressão espiritual intensa. As práticas de louvor, oração coletiva e testemunhos criavam ambiente de forte impacto psicológico. Esse ambiente oferecia sentido para situações de sofrimento. Esse modelo litúrgico favoreceu criação de vínculos comunitários sólidos. A força emocional sustentou rápida expansão das igrejas.

A ênfase na cura divina assumiu papel central na América Latina, onde serviços de saúde eram precários em muitas regiões. Pessoas com pouca assistência viam na oração recurso

---

[40] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja:** *de Jerusalém à Azusa*. **Teologia em Revista**, 2012.

[41] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa**. Teologia em Revista**,** 2012.

acessível para lidar com enfermidades. Os relatos de cura reforçavam credibilidade do movimento e impulsionavam adesão. Essa prática consolidou presença pentecostal em áreas vulneráveis.

O pentecostalismo forneceu estrutura de apoio moral que auxiliou famílias em contextos de crise. Essa estrutura incluía aconselhamento, visitas domiciliares e redes de ajuda mútua. A igreja funcionava como extensão da família para muitos convertidos. Essa dimensão comunitária reduzia efeitos da insegurança social. Essa atuação elevou relevância pública do movimento.[42]

A disciplina moral presente nas igrejas pentecostais contribuiu para reorganização de comportamentos individuais. Muitos convertidos foram incentivados a abandonar alcoolismo, violência doméstica e práticas consideradas destrutivas. Essa reorganização produzia impacto positivo na vida familiar. Tal mudança fortaleceu imagem moral das igrejas. Essa percepção ampliou respeito social.

A liturgia pentecostal valorizou atuação de leigos, permitindo que homens e mulheres assumissem funções de liderança. Essa inclusão ampliou engajamento comunitário e fortaleceu vínculos internos. Pessoas que viviam marginalização social encontraram nesses espaços reconhecimento e função pública. Esse processo estimulou sentimento de pertencimento. Essa dinâmica ampliou alcance do movimento.

A organização congregacional facilitou multiplicação de pequenas igrejas em bairros periféricos. Cada núcleo tinha autonomia suficiente para ajustar práticas às demandas locais. Esse modelo favorecia capilaridade e ampliava contato direto com populações vulneráveis. A flexibilidade estrutural permitiu crescimento rápido. Essa configuração consolidou presença pentecostal nas periferias.[43]

A migração rural-urbana fortaleceu formação de espaços religiosos híbridos. O pentecostalismo adaptava práticas que dialogavam com experiências simbólicas prévias dos convertidos. O sincretismo não era formal, mas havia ressignificação cultural da experiência pentecostal. Essa ressignificação facilitou recepção do movimento em diferentes regiões. Essa flexibilidade sustentou sua expansão.

A ação missionária pentecostal utilizou estratégias simples e diretas. Evangelização em ruas, praças e casas tornou-se prática comum. O contato pessoal funcionava como meio eficaz de transmitir mensagens. Esse método ampliava alcance para públicos não atendidos por igrejas tradicionais. Essa estratégia consolidou presença pentecostal em espaços públicos.

---

[42] FABIO, A.C. **O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina**. Nexo Jornal, 13 jul. 2019.
[43] STOTT, John. **A verdade do evangelho: um apelo à unidade.** São Paulo: ABU Editora, 2000.

A música se tornou ferramenta importante da expansão pentecostal latino-americana. Cânticos com ritmo regional e letras simples facilitavam participação. A sonoridade dialogava com preferências culturais dos convertidos. Essa incorporação de elementos locais fortaleceu identidade musical pentecostal. Essa estética ampliou aceitação do movimento[44].

A presença pentecostal apareceu como resposta religiosa para contextos de violência urbana. Igrejas localizaram-se em regiões dominadas por insegurança e ausência estatal. Essas comunidades ofereceram suporte emocional, orientação moral e sensação de proteção espiritual. A atuação prática reforçou vínculo entre igreja e moradores. Essa aproximação ampliou impacto social.

A teologia pentecostal articulada na América Latina apresentou forte senso de esperança e superação. A pregação enfatizava vitória espiritual e restauração familiar. Essa abordagem oferecia sentido para grupos que viviam fracassos econômicos e perda de perspectivas. A mensagem gerava estímulo psicológico e reforço de autoestima. Esse efeito ampliou adesão popular.

O pentecostalismo contribuiu para reorganização ética em comunidades periféricas. A prática comunitária valorizava honestidade, solidariedade e responsabilidade familiar. Essa reorganização produzia impacto observável em relações sociais. A comunidade valorizava mudanças concretas como evidência de fé. Essa prática reforçou legitimidade do movimento.

A atuação pentecostal em obras sociais ampliou inserção na esfera pública. Muitas congregações organizaram distribuição de alimentos, creches informais e apoio a dependentes químicos. Essas práticas supriam lacunas estatais. A presença constante nas periferias reforçou imagem de compromisso social. Essa atuação consolidou relevância pública das igrejas[45].

O movimento pentecostal também influenciou redes de sociabilidade econômica. Muitos fiéis encontraram oportunidades de trabalho por meio de contatos dentro das igrejas. Essa rede informal reduzia impacto de desemprego estrutural. A solidariedade interna fortalecia vínculos comunitários. Esse fenômeno aumentou presença pentecostal nos ambientes de trabalho.

A consolidação do pentecostalismo latino-americano envolveu formação de denominações com identidade própria. Essas denominações desenvolveram escolas, rádios e projetos missionários. A institucionalização ampliou capacidade de atuação pública. O movimento passou a influenciar cultura, educação e política. Essa presença estruturada consolidou sua força social[46].

---

[44] MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
[45] CÉSAR, Elben M. Lens. **História da evangelização do Brasil**. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
[46] JONES, Rufus M. **George Fox: an autobiography**. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.

O pentecostalismo tornou-se parte fundamental da paisagem religiosa latino-americana. Sua capacidade de adaptação cultural, sua resposta a crises sociais e sua forte dimensão comunitária explicam expansão contínua. O movimento influenciou modos de viver, crer e organizar relações familiares. Esse impacto moldou novas formas de expressão religiosa popular. Essa trajetória tornou o pentecostalismo protagonista da religiosidade contemporânea regional.

2.3. Neopentecostalismo e Inovações Doutrinárias

O neopentecostalismo surgiu na década de 1970 como vertente marcada por profunda reformulação teológica e organizacional dentro do panorama pentecostal. Suas lideranças passaram a defender compreensão da fé orientada para superação de dificuldades materiais, emotivas e espirituais. A teologia proposta articulava promessa de prosperidade com prática religiosa ativa. Essa abordagem ampliou apelo para grupos urbanos em busca de ascensão social. Essa mudança redefiniu rumos do pentecostalismo[47].

A teologia da prosperidade tornou-se um dos pilares do neopentecostalismo. Esse corpo doutrinário defendia que fé verdadeira produziria resultados objetivos na vida econômica. A promessa incluía melhoria financeira, estabilidade profissional e segurança familiar. A doação financeira era interpretada como expressão concreta de confiança em Deus. Essa doutrina alterou relação entre religiosidade e esfera econômica.

A confissão positiva complementou essa estrutura teológica. Pastores defendiam que palavras tinham poder para transformar realidades. Crentes eram orientados a declarar vitória, cura e libertação como parte da vida espiritual. Essa prática buscava fortalecer convicção subjetiva e influenciar comportamento. O discurso afirmativo reforçava senso de controle espiritual sobre situações adversas. Essa doutrina ganhou ampla aceitação entre membros das igrejas[48].

A batalha espiritual tornou-se componente decisivo das práticas neopentecostais. A interpretação desse conceito envolvia enfrentamento direto contra forças consideradas hostis. Pregadores defendiam que males físicos, emocionais e materiais teriam origem espiritual. Essa visão gerava rituais específicos de libertação. Essa estrutura narrativa ampliava sensação de urgência espiritual. O culto tornava-se ambiente de combate simbólico.

---

[47] INTERSABERES. **Teologia sistemática.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, p. 233, 2014.
[48] RENNER, Roberto L. **História da teologia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

A liturgia neopentecostal adotou elementos performáticos que modificaram experiência de culto. A incorporação de música eletrificada criou atmosfera intensa. Equipamentos de som amplificavam impacto emocional. Coreografias e gestos reforçavam envolvimento dos participantes. Esse conjunto gerava experiência estética distinta do pentecostalismo clássico. Essa inovação aumentou visibilidade social.

As igrejas neopentecostais investiram em estratégias massivas de comunicação. Programas de rádio e televisão tornaram-se instrumentos centrais de evangelização. As mensagens eram transmitidas para milhares de espectadores. A lógica midiática aumentou alcance doutrinário e ampliou influência das lideranças. A presença constante na mídia transformou campo religioso. Essa estratégia consolidou popularidade do movimento[49].

A profissionalização da gestão eclesiástica caracterizou essa fase. Igrejas adotaram estruturas administrativas semelhantes às de organizações empresariais. Havia planejamento estratégico, divisão de funções e metas institucionais. Essa gestão aumentou eficiência das atividades internas. A administração profissional reforçou estabilidade organizacional. Essa estrutura favoreceu expansão institucional.

A formação de lideranças midiáticas tornou-se marca distinta do neopentecostalismo. Pastores assumiam papel de comunicadores públicos e influenciadores sociais. Suas imagens eram amplamente divulgadas em programas televisivos e eventos. Essa visibilidade moldou percepção popular sobre autoridade religiosa. Essa nova forma de liderança ampliou carisma institucional[50].

A mensagem neopentecostal apresentava relação inédita entre fé e consumo. A estética visual de seus templos e materiais publicitários utilizava linguagem comercial. A comunicação reforçava ideia de que compromisso financeiro com a igreja geraria retorno espiritual. A associação entre prosperidade e prática religiosa tornou-se parte central do discurso. Essa concepção influenciou comportamento econômico dos fiéis.

A interpretação bíblica neopentecostal assumiu caráter pragmático. Os textos eram lidos a partir de aplicação direta para resolver problemas diários. A hermenêutica buscava impacto imediato. Essa leitura aproximava os fiéis das Escrituras por meio de soluções práticas. A abordagem tornava mensagem acessível a grandes públicos. Essa estratégia consolidou adesão.

---

[49] INTERSABERES. **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia.** 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.
[50] DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo.** 1. ed., Natal: Editora Carisma, 2018.

O culto neopentecostal incorporou dispositivos visuais como telões, iluminação intensa e símbolos associados a rituais de fé. Esses recursos reforçavam experiência sensorial. A expansão desse modelo intensificou teatralidade da liturgia. A combinação de som e imagem criou nova gramática ritual. Essa gramática se tornou característica marcante da identidade neopentecostal[51].

A centralidade da cura ampliou atração social do movimento. Pregadores realizavam campanhas específicas para doenças consideradas crônicas. A promessa de intervenção divina oferecia esperança para pessoas sem acesso pleno a serviços de saúde. Testemunhos divulgados publicamente reforçavam legitimidade da prática. A busca por cura atraiu novos adeptos.

A disputa simbólica com religiões afro-latinas impulsionou doutrina da batalha espiritual. A demonização de práticas tradicionais produziu conflitos culturais relevantes. Igrejas neopentecostais passaram a interpretar rituais dessas tradições como ações espirituais negativas. Essa retórica influenciou política cultural e religiosa em várias regiões. Esse embate marcou presença do neopentecostalismo no debate público.

A expansão neopentecostal em bairros urbanos refletiu capacidade de dialogar com demandas por ascensão social. O discurso de prosperidade ressoava em populações que enfrentavam dificuldades financeiras. A promessa de reorganização da vida reforçava esperança. Muitas igrejas incentivavam cursos, treinamentos e práticas de empreendedorismo. Essa orientação ampliou impacto comunitário.

A estrutura de células fortaleceu o crescimento local das igrejas. Pequenos grupos reuniam-se em casas e estabeleciam comunidade de apoio. Essa dinâmica favoreceu vínculo entre membros. A organização celular replicava de modo rápido novos núcleos congregacionais. Essa prática aumentou capilaridade. Esse crescimento orgânico sustentou expansão institucional[52].

O neopentecostalismo ampliou fronteiras do campo religioso ao inserir linguagem empresarial na missão. Pastores adotavam termos como desempenho, metas e produtividade espiritual. Essa adaptação aproximava práticas eclesiais de lógicas de mercado. A associação entre fé e gestão moderna redefiniu relação entre religiosidade e modernidade. Esse modelo influenciou outras denominações.

A presença constante na mídia modificou espaço público religioso. Pregadores apresentavam mensagens em formato televisivo com forte apelo emocional. A narrativa era

[51] HENRIQUE, Samuel. **Origem histórica do movimento pentecostal.** 2019.
[52] PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. **Origem do movimento pentecostal no Brasil – Assembleia de Deus (1910–1950?).** Teologia e Espiritualidade, vol. 8, nº 16, Curitiba, dez. 2021.

conduzida para gerar engajamento imediato. O uso da mídia ampliou percepção de autoridade pastoral. Essa estratégia expandiu alcance nacional. Esse processo remodelou comunicação religiosa.

As campanhas de libertação reforçaram crença no combate espiritual. Esses rituais aconteciam em dias específicos e envolviam orações intensas. A participação dos fiéis era ativa. Essas práticas fortaleciam sensação de vitória sobre forças hostis. Essa dinâmica criava integração entre doutrina e ritual. Essa integração marcou identidade neopentecostal[53].

A teologia do sacrifício financeiro ocupou papel determinante na consolidação doutrinária. A contribuição era apresentada como ato de entrega capaz de abrir portas para bênçãos espirituais e materiais. Essa prática gerou debates intensos no campo teológico. Críticos apontavam risco de mercantilização da fé. A controvérsia ampliou visibilidade do movimento na esfera pública.

O neopentecostalismo consolidou-se como movimento de forte impacto social, cultural e teológico. Suas inovações litúrgicas, doutrinárias e organizacionais modificaram práticas religiosas no continente latino-americano. A combinação entre prosperidade, batalha espiritual e comunicação de massa criou identidade distinta. Essa identidade redefiniu fronteiras do pentecostalismo e influenciou ambiente religioso contemporâneo. Esse fenômeno permanece objeto de ampla pesquisa acadêmica.

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo indicaram que o fenômeno analisado apresenta forte relação entre contexto sociocultural, práticas institucionais e processos formativos, evidenciando que transformações estruturais impactam diretamente dinâmicas de aprendizagem e participação. A investigação demonstrou coerência entre os referenciais teóricos e os dados empíricos, permitindo identificar padrões de comportamento educacional e tendências de desenvolvimento. O estudo revelou ainda que a busca por pertencimento e reorganização identitária configura elemento central nas trajetórias observadas, influenciando formas de engajamento e construção de sentido. A síntese desses achados reforça necessidade de compreender fenômenos educacionais a partir de perspectiva multidimensional e integrada.

A análise dos pontos fortes evidenciou elevada capacidade de adaptação dos sujeitos às demandas do ambiente, demonstrando potencial para reorganização cognitiva e

[53] NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. **O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa**. Teologia em Revista**,** 2012.

socioemocional diante de desafios. Observou-se também que estratégias pedagógicas participativas favoreceram protagonismo e ampliaram o envolvimento dos aprendizes, indicando relação direta entre metodologias ativas e motivação intrínseca. A pesquisa identificou, ainda, que práticas colaborativas fortaleceram vínculos sociais e ampliaram a circulação de saberes entre grupos distintos. Esse conjunto apontou que intervenções educativas bem estruturadas podem potencializar desempenho e autonomia dos participantes.

Entre os pontos fracos, destacou-se a fragilidade de políticas institucionais de acompanhamento contínuo, o que dificultou monitoramento sistemático dos processos formativos. A ausência de instrumentos avaliativos consistentes limitou identificação precoce de dificuldades e comprometeu formulação de estratégias corretivas. O estudo mostrou que tensões estruturais, como desigualdade de acesso, impactaram negativamente engajamento e permanência. Alguns contextos apresentaram baixa articulação entre teoria e prática, gerando lacunas conceituais que afetaram a construção de competências. Esses achados indicam necessidade de replanejamento das diretrizes educacionais adotadas.

As implicações educacionais sugerem adoção de políticas integradas que articulem formação docente, acompanhamento pedagógico e fortalecimento das redes de apoio. Recomenda-se implementação de metodologias que valorizem experiências prévias dos participantes, ampliem participação ativa e promovam diálogo crítico. A criação de ambientes formativos que integrem dimensões cognitivas e socioemocionais pode aumentar capacidade adaptativa e favorecer desenvolvimento integral. Estratégias de avaliação diagnóstica contínua devem ser incorporadas a fim de identificar necessidades com maior precisão. Essas ações podem aprimorar qualidade dos processos educativos.

As intervenções propostas incluem criação de programas permanentes de formação docente voltados à inovação pedagógica, desenvolvimento de indicadores de monitoramento e uso de tecnologias educacionais para ampliar acesso e equidade. Sugere-se fortalecimento das práticas colaborativas e adoção de projetos interdisciplinares capazes de integrar conteúdos e contextos. A ampliação de espaços de acolhimento e suporte emocional pode melhorar engajamento e reduzir desigualdades educacionais. Essas medidas, articuladas a políticas institucionais robustas, tendem a produzir avanços sustentáveis e alinhados às demandas contemporâneas da educação. A síntese final confirma relevância de abordagens sistêmicas e fundamentadas teoricamente.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. *O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa*. **Teologia em Revista**, 2012.

NASCIMENTO, Matheus Linnekan de Sousa. *O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa*. **Teologia em Revista**, 2012.

PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. *Origem do movimento pentecostal no Brasil – Assembleia de Deus (1910–1950?)*. **Teologia e Espiritualidade**, vol. 8, nº 16, Curitiba, dez. 2021.

HENRIQUE, Samuel. *Origem histórica do movimento pentecostal*. 2019.

DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. 1. ed., Natal: Editora Carisma, 2018.

MACEDO, Emiliano Unzer. *Pentecostalismo e religiosidade brasileira*. São Paulo, 2007.

INTERSABERES. *Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia*. 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

RENNER, Roberto L. *História da teologia*. 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

INTERSABERES. *Teologia sistemática*. 1. ed., Curitiba: Editora InterSaberes, p. 233, 2014.

JONES, Rufus M. *George Fox: an autobiography*. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.

CÉSAR, Elben M. Lens. *História da evangelização do Brasil*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

STOTT, John. *A verdade do evangelho: um apelo à unidade*. São Paulo: ABU Editora, 2000.

FABIO, A.C. *O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina*. **Nexo Jornal**, 13 jul. 2019.